

Resenha

Rock Underground: uma etnografia do Rock Alternativo

(ROSA, Pablo Ornelas. Rock Underground: Uma etnografia do Rock Alternativo. São Paulo, SP: Radical Livros, 2007.)

Andréa Karinne Albuquerque MAIA ¹

O livro “*Rock underground: uma etnografia do rock alternativo*” apresenta o *rock underground*, os espaços de convivência, as bandas e tribos urbanas que fazem parte desse universo na cidade de Florianópolis - SC. A publicação é de autoria do sociólogo Pablo Ornelas Rosa, que atua com projetos voltados para a juventude, além de ser músico participante da cena *underground*. Com a proposta de compreender determinados processos de sociabilidade que marcam a convivência dos atores que compartilham essa cultura, o autor estrutura o trabalho em doze partes: a introdução, dez capítulos e considerações finais.

Na Introdução o autor discorre sobre o surgimento da juventude nas metrópoles, marcado pelos movimentos sociais da década de 1950. Nesse período, o *rock* nasce como uma resposta contracultural à sociedade coercitiva de imposição de valores. A juventude se une para se expressar através da música, da estética e de posições ideológicas. O *rock* se populariza originando o *pop rock*, uma vertente comercial que conquista a mídia, por meio de uma ampla estrutura de propaganda. Sendo o oposto do *rock underground*, que permanece com o viés contestador. Os adeptos do *rock underground* acreditam que quando as bandas se inserem no mercado, deixam de criar de forma independente e aceitam o *status quo* vigente.

No primeiro capítulo, “Da juventude ao *rock’n’roll*”, o autor analisa o surgimento e a evolução do termo juventude nas sociedades modernas ocidentais. Considerando como uma fase transitória e experimental de crucial importância para o desenvolvimento do indivíduo. Na juventude, cada geração incorpora em sua socialização novos códigos de linguagens e formas de apreciar e classificar o mundo. A diversão com amigos ocupa a maior parte do tempo livre dos jovens, é nesse período

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa sobre Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ – UFPB. E-mail: andreakarinne@gmail.com).

que nascem muitos movimentos culturais, que conquistam espaço através de mecanismos de expressão contestatários.

No capítulo “Do *rock* às bandas e tribos urbanas”, o autor adota o conceito semiótico do termo cultura, postulado por Max Weber, no qual o homem está inserido numa teia de significados tecidos por ele mesmo. Ao analisar as formas de sociabilidade das tribos urbanas oriundas do *rock*, o autor busca amparo teórico no *neotribalismo* proposto por Michel Maffesoli. No qual, o sujeito dilui suas experiências cotidianas de pertencimentos em diferentes tribos, tendo como características a criação de comunidades emocionais, potência subterrânea, novas formas de sociabilidade e a necessidade de espaços e momentos compartilhados.

As tribos do *rock underground* se expressam por meio de um processo de interação entre a tríade: música, estética e posição ideológica. E a participação dos atores sociais nessas tribos urbanas se dá por meio de uma relação de similitude.

No terceiro capítulo, “Uma cópia ou ressignificação do *rock underground*” é discutida a forte influência da cultura norte-americana e europeia nos grupos brasileiros e latino-americanos do *rock underground*, enfatizando como estas bandas ressignificam esse gênero através de uma adaptação a sua realidade. Muitas bandas brasileiras compõem em inglês para serem aceitas no mercado, uma imposição cultural que garante uma estrutura mínima de consumo dentro da cena *underground*.

As posições centro/periferia são expressas na relação de migração de bandas brasileiras para os Estados Unidos e Europa, visando conquistar espaço no *rock underground* mundial. As tribos possuem padrões estéticos, ideológicos e musicais similares e até contrários, mas compartilham uma consciência coletiva que garante o respeito às diferenças.

O capítulo “Corpo, gênero e sexualidade: o “visual” no *rock underground*” aborda as diferentes características estéticas que compõem o *locus* da cultura *underground*. O autor considera o visual como meio de inserção social, responsável pela aproximação entre os indivíduos e as tribos. O autor descreve a origem, evolução e características estéticas que refletem as ideologias de diversas tribos. Ressaltando que, mesmo havendo ideologias contrárias não há conflitos na cena do *rock underground* em Florianópolis. Quanto ao gênero/sexo, alguns atores sociais acabam usando elementos referentes a orientações sexuais opostas à sua, visando contestar os papéis sociais construídos culturalmente.

No quinto capítulo, “Sobre drogas como processo de inclusão social” as drogas são apresentadas como um meio de inserção social, pois o seu uso coletivo adquire um caráter de mediação entre o indivíduo e o grupo. O autor defende que o compartilhamento de drogas revela um ritual, no qual os indivíduos que se encontram marginalizados, ou mesmo invisíveis socialmente, sentem-se parte integrante do grupo. Apesar disso, o uso de drogas não é uma característica comum a todas as tribos e bandas do *rock underground* em Florianópolis, inclusive há tribos que são contrárias a essa prática.

No capítulo “Os principais territórios do *rock underground* em Florianópolis”, o autor descreve os espaços que são palcos da cena do *rock underground*, bem como, responsáveis pela sobrevivência dessa cultura. Compostos na sua maioria por bares, lojas de materiais independentes, estúdios de tatuagem, *body piercing*, lojas de instrumentos musicais, entre outros. Nesses territórios as vivências são compartilhadas e as pessoas são atualizadas sobre tudo o que acontece nessa cultura. O autor fala sobre a relação dos espaços lugar/não-lugar, sendo o espaço “lugar” definido como identitário, relacional e histórico.

O capítulo “A rede de contatos” mostra como se configuram as instâncias responsáveis pela manutenção do *rock underground* em Florianópolis. Essa importante rede se articula através dos integrantes das bandas que fazem show em outras cidades, donos de selos independentes que divulgam materiais de bandas, os estabelecimentos relacionados à cena do *rock underground* que comercializam CDs e outros materiais promocionais e os indivíduos que atuam visando dar continuidade ao movimento *underground*.

Apesar de constituir um sistema alternativo, no *rock underground* há uma reprodução da lógica capitalista das gravadoras, pois os selos independentes financiam e distribuem o material de bandas de acordo com a expectativa de venda que elas possuem.

No oitavo capítulo, “Organização dos shows”, o autor apresenta a dinâmica que compreende a organização dos shows, como se dá a divulgação e a relação com os patrocinadores, enfatizando a participação dos próprios integrantes das bandas nesse processo. E os desafios que envolvem a produção de shows do *rock underground*.

O capítulo “*Let’s rock* – a etnografia do show” apresenta a primeira etnografia de um show realizada para o desenvolvimento deste trabalho. A relevância desde

capítulo está na exposição detalhada das dificuldades enfrentadas durante a organização de eventos do *rock underground*, suas muitas limitações e a união de forças para promover a continuidade dessa cultura. Nesse sentido, os atores sociais que compõem a cena *underground* divulgam de forma voluntária essa cultura por meio de um circuito alternativo de mídia, e os artistas chegam a comercializar seus CDs e outros materiais no próprio show.

No último capítulo, “O fim do *Underground Rock Bar*” o autor aborda um estudo de caso sobre o fim do espaço de convivência de maior representatividade para os grupos, bandas e tribos urbanas da cena *underground* em Florianópolis, o *Underground Rock Bar*. O autor analisou matérias publicadas nos jornais locais e entrevistou o público do bar, Frankito, o irmão do antigo dono do estabelecimento e o delegado Gentil Ramos, considerado o principal responsável pelo fechamento do espaço. A análise concluiu que as atividades do bar foram encerradas em virtude dos estigmas que foram imputados aos frequentadores do ambiente, expressos através de perseguições policiais.

Na última parte do livro “Considerações finais” o autor resgata a maioria dos temas discutidos ao longo dos dez capítulos, analisando e acrescentando alguns apontamentos. Para concluir que o conceito de juventude é de grande importância, apesar de muitos criminalizarem os movimentos sociais protagonizados por esse grupo, em virtude do seu caráter contestatório aos padrões socialmente impostos, que constitui a característica essencial da identidade da juvenil.

Enfim, a publicação tem seu mérito por contribuir com uma análise teórica de uma realidade específica e marginalizada pela sociedade. Por meio do uso de importantes conceitos de áreas como a antropologia, linguagem, sociologia e filosofia, aplicados a uma realidade dinâmica e bastante enriquecedora. Ao lançar mão dos depoimentos de interlocutores que vivenciaram o fenômeno do *rock underground* em Florianópolis, o autor consegue transportar o leitor para o universo em análise. Ao se posicionar enquanto adepto dessa cultura, o autor promove um relato visceral e lúcido de um fenômeno pouco discutido pela academia.